

## Mundo

# Depois de Arafat

## Uma oportunidade e muitos riscos para a paz na Palestina



Reuters

Com a morte de Iasser Arafat, a questão palestina ganhou novos contornos. De um lado, caiu o principal obstáculo à retomada das negociações que o presidente dos EUA, George W. Bush, e o primeiro-ministro de Israel, Ariel Sharon, apresentavam. De outro, o desaparecimento de Arafat fez surgir entre os palestinos a necessidade de se apresentarem unificados, para não serem derrotados um a um.

Não há dúvida de que para os interesses americanos será benéfico algum tipo de acordo entre israelenses e palestinos, pois isso ajudaria a baixar a temperatura em todo o Oriente Médio. Nessa perspectiva, uma eventual reaproximação de Bush com os líderes europeus, acenada desde sua reeleição, pode significar que os israelenses sintam-se mais pressionados no sentido de fazer alguma concessão aos palestinos. Isso porque os elos entre a União Européia e a Autoridade Nacional Palestina (ANP) têm se mantido relativamente estáveis – os europeus são a sua principal fonte de ajuda financeira. Entre os israelenses os primeiros sinais de mudança foram modestos: basicamente o anúncio de medidas para facilitar a realização da eleição que escolherá o substituto de Arafat no início de janeiro próximo.

**Mudança profunda** Do lado palestino, Mahmoud Abbas (na foto, sob o retrato de Arafat), o novo presidente da Organização para a Libertação da Palestina, foi escolhido pelo movimento Fatah, o principal integrante da OLP, como candidato à sucessão de Arafat. Isso o tornaria virtualmente eleito, se no início de dezembro não tivesse ocorrido algo que pode alterar profundamente essa história: o registro da candidatura independente de Marwan Barghouti, talvez o principal líder da geração palestina nascida depois da criação do Estado israelense, em 1948, e que cumpre pena de prisão perpétua em Israel por atos terroristas. Abbas, veterano companheiro de Arafat, articulador dos Acordos de Oslo, conta com as simpatias de americanos e israelenses – segundo o analista político Aluf Benn, do jornal *Haaretz*, a equipe de Sharon “tem boas lembranças” do trabalho com Abbas durante sua breve passagem pelo cargo de primeiro-ministro palestino em 2003. Do lado palestino, Abbas parecia também contar com o apoio do próprio Barghouti, como ele membro do Fatah. Isso seria importante porque Barghouti tem grande apoio po-

pular – em pesquisa realizada em setembro sobre quem seria o melhor vice-presidente de Arafat, 25% dos entrevistados o escolheram, enquanto Abbas foi apontado por apenas 3%. Tal apoio deriva de sua atuação na Intifada – tanto ele quanto Abbas defendem a negociação com os israelenses, mas, ao contrário de Abbas, Barghouti é favorável à resistência violenta à ocupação israelense da Cisjordânia e da Faixa de Gaza.

O fato de não limitar sua atuação às negociações, abre a Barghouti também a possibilidade de angariar o apoio de grupos como os fundamentalistas Jihad Islâmico e Hamas, que sequer reconhecem a existência de Israel. Esses grupos haviam acertado um acordo com Abbas para assegurar condições de segurança e garantir a eleição, mas avisaram que ficariam à margem da disputa.

**“Oportunidade de ouro”** Mas os problemas não se limitavam aos fundamentalistas: dentro do Fatah também há divisões, que só não se aprofundaram devido à liderança de Arafat. Abbas sentiu de perto uma manifestação desse descontentamento quando, numa cerimônia fúnebre em homenagem ao líder morto, homens armados, supostamente do Fatah, invadiram o recinto disparando tiros para o ar e gritando slogans contra ele.

Apesar dessas dificuldades e se, mesmo diante da inesperada candidatura de Barghouti for possível aos palestinos manter em linhas gerais a unidade, há quem veja com esperança a eleição de janeiro. É o caso de Mustafa Barghouti, ativista político de esquerda, presidente da União dos Comitês de Auxílio Médico Palestino. Em entrevista à *Folha de S. Paulo*, ele disse que a morte de Arafat produziu “um momento de unidade único”, expresso nos acontecimentos do dia do sepultamento do líder, quando dezenas de milhares de pessoas cercaram o helicóptero que trazia do Egito seu caixão e fizeram o enterro sem a participação das autoridades. “É nossa oportunidade de ouro”, disse Barghouti. “Se tivermos eleição em um ano poderemos ter um Estado. Essa é a prioridade, todas as outras ficam para trás”.

Mesmo que a candidatura de Barghouti se constitua em embaraço para a ala do Fatah representada por Abbas, certamente será algo pior ainda para os planos dos EUA e de Israel: tanto Bush quanto Sharon imaginavam ter no líder moderado um negociador mais flexível. Agora, poderão se ver diante de manifestações populares na Palestina e pressões internacionais pela libertação do líder da Intifada. E se ele eventualmente for eleito, será criada uma situação inusitada e é quase certo que os dois países não o reconhecerão como confiável o bastante para negociar – o que, ironicamente, levaria à situação anterior à morte do líder no qual eles não confiavam, Iasser Arafat. ■